

FORINF@

REVISTA IBEROAMERICANA DE USUARIOS DE INFORMACIÓN

Nº 10
2000



Dirección:

Prof. Dr. Elías Sanz Casado
Profa. MSc. Saray Córdoba González

Secretaria de Redacción:

Profa. Dra. Carmen Martín Moreno

Comité de Redacción:

Prof. Dr. J. Carlos García Zorita
Carlos Suárez Balseiro

Consejo Asesor:

Prof. Dr. Mariano Maura Sardó
Prof. Israel Núñez de Paula
Prfa. Dra. Leilah Santiago Bufrem

INDICE

Editorial

por Leilah Santiago Bufrem	pág. 4
Versión en castellano del editorial, por José Antonio Moreira González	pág. 6

Artículos

<i>Método de análisis univariable versus multivariable. Aplicación práctica en revistas de economía.</i> por Ana M ^a Morales García	pág. 8
---	--------

Noticias de interés

Reseñas	pág. 28
Congresos	pág. 30
Cursos	pág. 31

Normas de publicación	pág. 32
-----------------------------	---------

EDITORIAL

O início do milênio é marcado pelo conceito de velocidade, fenômeno que imprime inusitada dimensão às mudanças tecnológicas. Ao pensarmos na chamada sociedade da informação, como processo em construção ascendente, somos levados a nos questionar se a complexidade e quantidade de opções, assim como os sistemas e serviços provedores de informações, têm crescido de modo proporcional às necessidades e dependência dos usuários.

Refletindo sobre a continuidade e a mudança nessa sociedade, Feather (1999)¹ define três aspectos relacionados entre si, embora essencialmente distintos - a informação pública, a pessoal e a privada - da mesma forma que considera três fatores diferenciados, mas intimamente conjugados nos processos relativos ao armazenamento e provisão da informação: as fontes, as redes e sistemas e as agências. Essa identificação de forças componentes do complexo social mais abrangente permite que se considere a distinção entre intenções finais e ações instrumentais, configurando-se segundo o contexto no qual se desenvolvem e as intenções políticas que as favorecem.

É importante reconhecer, inicialmente, que o contexto informacional é afetado pelas novas tecnologias de modo desigual nas regiões do planeta, principalmente em consequência da diversidade contextual e econômica, também determinante dos modos de obtenção e recepção de produtos e serviços informacionais pelos usuários.

Além disso, deve-se reconhecer que se o sistema produtor é marcado pela internacionalização tecnológica e gerado a partir das transformações produtivas, nele são adotadas naturalmente as normas do mercado, cujas marcas são o lucro como meta última e a acumulação. Neste caso, lucro e acumulação do conhecimento e da riqueza por ele gerada. E, como sua consequência, em países periféricos o problema é mais crucial pois neles não se trata somente de consumir, mas de sobreviver, correndo contra a obsolescência programada e reservada pela alta rotatividade do capital.

O sistema de produção na sociedade da informação tem se pautado pela rede mundial Internet, à qual, entretanto, somente 2% da humanidade têm acesso. Assim mesmo, a liberdade de escolha é imposta aos usuários dos seus préstimos como uma espécie de dever, isso porque poucos produtos ou serviços são oferecidos sozinhos, sem que haja um contexto e outros objetos para apresentá-los, para falar por eles e de certa forma falar com eles. Como diria Baudrillard sobre a lógica do mercado, esse cenário *dirige o impulso de compra no sentido de redes de objetos, com o objetivo de seduzir e estimular, de acordo com sua própria lógica, um investimento máximo, atingindo os limites do potencial econômico...* Esses caminhos do consumo estabelecem coerções inerciais no consumidor, que irá segui-las logicamente, de um objeto para outro, realizando uma espécie de cálculo de objetos².

¹ FEATHER, John. *The information society. a study of continuity and change*. 2. ed. London: Library Association Publishing, 1999.

² BAUDRILLARD, J. Consumer society. In: *Jean Baudrillard: selected writings* Stanford: Stanford University Press, 1988. p. 31.

Transpondo esta crítica da sociedade de consumo para a sociedade da informação, percebe-se que da mesma forma, por exemplo, que os *hardware* formam um conjunto de objetos úteis para um sistema, também os *software*, os *sites*, os produtos e serviços, enfim, todos os meios disponíveis se apresentam e complementam, formando um complexo de significado total. Entretanto, para os iniciados, cada um, isoladamente, pode definir-se com valor simbólico particular.

Assim, se a revolução das infovias caracteriza-se pela convergência das tecnologias de tratamento da informação e de telecomunicações, o usuário, por sua vez, depara-se com um processo de escolhas cuja complexidade é proporcional à sofisticação das ofertas. Expõe-se, na busca, a toda sorte de produtos e serviços e depara-se com uma infinita “liberdade” de escolhas que só poderá ser exercida, entretanto, se ou para quem dominar o universo das opções possíveis. O consumo e seu código, portanto, acabam invadindo as esferas do trabalho intelectual, relativizando e minimizando questões políticas e ideológicas como a da democratização na sociedade da informação.

A crítica às formas de solucionar tais questões nos impõe a dúvida sobre o que nos reserva este milênio, especialmente no momento em que se anuncia o que nos Estados Unidos já se denomina *Evernet*, a Internet *everywhere* e *forever*. Ela envolve a nossa capacidade, enquanto usuários e participantes do mundo da informação, de enfrentar o meio ambiente e aprender não só a arte de utilizar mas de utilizar conscientemente os objetos disponíveis. E especialmente se refere ao nosso potencial para diminuir o realce cada vez mais perceptível que vem sendo atribuído à informação privada em detrimento da pública, ao proveito individual em oposição ao coletivo e especialmente ao complexo relativo aos meios preferencialmente aos fins a que se destinam.

Leilah Santiago Bufrem
Prof. Titular do Departamento de Ciência e Gestão da Informação.
Universidade de São Paulo (São Paulo)

Versión en castellano
Realizada por José Antonio Moreiro González
Universidad Carlos III de Madrid

El inicio del milenio viene marcado por la idea de la velocidad, fenómeno éste que se resalta con dimensión inusitada cuando lo aplicamos a los cambios tecnológicos. Si pensamos en la llamada sociedad de la información, como proceso en construcción ascendente, de inmediato nos planteamos si la cantidad y complejidad de opciones han crecido de modo proporcional a las necesidades que marcan los usuarios, y si lo mismo sucede con los sistemas y servicios proveedores de información.

Reflexionando sobre la continuidad y los cambios en dicha sociedad, Feather (1999)³ alcanza a definir tres aspectos relacionados entre sí, aunque esencialmente distintos - la información pública, la personal y la privada - de la misma forma que considera tres factores diferenciados, pero íntimamente relacionados en los procesos tocantes al almacenamiento y provisión de la información: las fuentes, las redes y sistemas, y las agencias. Esa identificación de fuerzas componentes del complejo social más amplio permite que se considere la distinción entre intenciones finales y acciones instrumentales, configurándose de acuerdo con el contexto en el cual se desenvuelven y las intenciones políticas que las fomentan.

Es importante reconocer, inicialmente, que el contexto informacional está afectado por las nuevas tecnologías de modo desigual en las regiones del planeta, debido principalmente a la diversidad social, política y económica, que acaba siendo determinante de los modos como se obtienen y reciben los productos y servicios informativos por parte de los usuarios.

Más allá de lo cual, debe reconocerse que si el sistema productor está marcado por la internacionalización tecnológica y generado a partir de las transformaciones productivas, en él se adoptan naturalmente las normas del mercado, cuyas marcas son el lucro como última meta y la acumulación. En este caso, lucro y acumulación del conocimiento y de la riqueza por él generada. Y, como consecuencia, en los países periféricos el problema es más crucial pues en este caso no se trata solamente de consumir, si no de sobrevivir, corriendo contra la obsolescencia programada y reservada por la alta rotación del capital.

El sistema de producción en la sociedad de la información está siendo marcado mediante la red mundial Internet, a la cual tiene acceso, entretanto, solamente un 2% de la humanidad. Asimismo, la libertad de elección viene impuesta a los usuarios desde sus préstamos como una especie de deber, es así porque pocos productos o servicios son ofrecidos de forma aislada, sin que haya un contexto y otros objetos para presentarlos, lo que hace que hablar por ellos, es de cierta forma, hablar con ellos. Como diría Baudrillard sobre la lógica del mercado, ese escenario *dirige el impulso de compra hacia las redes de objetos, con el objetivo de seducir y estimular, de acuerdo con su propia lógica, una inversión máxima, alcanzando los límites del potencial económico...* Esos caminos del consumo establecen situaciones coercitivas que por inercia alcanzan al consumidor, que las seguirá en una lógica por las que se pasa desde un objeto a otro, realizando una especie de cálculo de objetos⁴.

³ FEATHER, John. *The information society: a study of continuity and change*. 2. ed. London: Library Association Publishing, 1999.

⁴ BAUDRILLARD, J. Consumer society. En: *Jean Baudrillard: selected writings* Stanford: Stanford University Press, 1988. p. 31.

Transponiendo esta crítica de la sociedad de consumo a la sociedad de la información, se percibe que de la misma forma, por ejemplo, que el *hardware* forma un conjunto de objetos útiles para un sistema, también el *software*, los *sites*, los productos y servicios, en fin, todos los medios disponibles se muestran y complementan, formando un complejo de significado total. Entretanto, para los iniciados, cada uno, aisladamente, se puede definir con valor simbólico particular.

Así, mientras la revolución de las infovías se caracteriza por la convergencia de las tecnologías y el tratamiento de la información y de telecomunicaciones, en lo que afecta al usuario lleva a éste a enfrentarse con un proceso de elección cuya complejidad es proporcional a la sofisticación de las ofertas. Le hace exponerse, durante la búsqueda, a toda suerte de productos y servicios y le sitúa frente a una infinita “libertad” de elecciones que solo podrá ser ejercida por quien domine el universo de las posibles opciones. Así pues, el consumo y su código terminan invadiendo las esferas del trabajo intelectual, y acaban por relativizar y minimizar cuestiones políticas e ideológicas como es el caso de la democratización en la sociedad de la información.

La crítica a las formas de solucionar tales cuestiones nos impone la duda sobre lo que nos reserva este milenio, especialmente en el momento en el que se anuncia lo que en Estados Unidos ya se denomina *Evernet*, o Internet *everywhere* y *forever*. Este nuevo concepto se relaciona con nuestra capacidad, en cuanto usuarios y participantes del mundo de la información, de enfrentar el medio ambiente y aprender no solo el arte de utilizar si no de utilizar conscientemente los objetos de los que disponemos. Y especialmente se refiere a nuestro potencial para disminuir la ventaja, cada vez mas perceptible, que está alcanzando la información privada en detrimento de la pública, al provecho individual frente al colectivo y especialmente al complejo relativo a los medios en preferencia sobre los fines a los que se destinan.

ARTÍCULO

Método de análisis univariable versus multivariable. Aplicación práctica en revistas de economía

por

Ana María Morales García
Dpto. de Biblioteconomía y Documentación
Universidad Carlos III Madrid
C/ Madrid 126, 28903 Getafe, Madrid (España)
amorales@bib.uc3m.es

RESUMEN:

El objetivo de esta investigación es argumentar la necesidad de aplicar métodos de análisis multivariante, (como es en este caso, el Rango Selectivo Multidimensional (RSM)), para evaluar eficazmente las publicaciones periódicas y seleccionar las más idóneas; demostrando las ventajas que aportan si lo comparamos con los ya tradicionales y conocidos métodos de análisis univariante. Para lograr los objetivos propuestos, se seleccionaron 153 revistas de economía adquiridas en un año, (y que por su utilidad siguen activas), por la Biblioteca de la Universidad Carlos III de Madrid. Se analizaron, primeramente, diferentes variables: país e idioma de publicación, uso de la colección, servicios de indización y resumen que procesan las revistas (SIR), opinión de expertos, productividad y Factor de Impacto y como método aglutinador se incluyó en la evaluación final el análisis multivariable denominado RSM.

PALABRAS CLAVE: revistas científicas, economía, evaluación científica, método de análisis multivariante, Rango Selectivo Multidimensional (RSM)

Introducción

Las publicaciones periódicas constituyen una parte fundamental de las colecciones de cualquier biblioteca universitaria, y la fuente de información más actualizada en los diferentes campos científicos, por lo que su conocimiento es esencial para la investigación. En la actualidad, los presupuestos de que disponen las bibliotecas no han crecido proporcionalmente al incremento de las publicaciones, y se hace más necesaria la utilización de instrumentos que permitan evaluar las colecciones.

En 1984, Mosher definió la evaluación de la colección como “*la valoración de la utilidad y de la pertinencia de las colecciones de una biblioteca con relación a sus usuarios o programas*”, con los fines de:

- *Ayudar a la biblioteca a enfocar los gastos de adquisiciones en aquellos materiales más necesarios para los usuarios.*
- *Conocer y gestionar las colecciones de la biblioteca de una manera más efectiva.*
- *Proporcionar una base para los planes y políticas de desarrollo de colecciones a niveles local y cooperativo.*

Pero, realmente, ¿cómo se viene realizando esta evaluación?. Los criterios univariantes utilizados más frecuentemente para la evaluación de publicaciones periódicas, son los

planteados por autores como Lancaster (1988) en su libro *"If you want to evaluate your library"*, en el que se recogen una serie de variables que permiten determinar cuáles son las revistas más importantes: *uso de la colección en la biblioteca, opinión de usuarios, factor de impacto, productividad de la revista, etc*

Sin embargo, la evaluación de la colección de revistas de una biblioteca, no puede basarse sólo en un análisis univariable cuantitativo o cualitativo, y siempre que se pueda, sería conveniente basar las decisiones en más de un criterio.

Siguiendo esta teoría, se ha elaborado un estudio utilizando el método multivariable denominado Rango Selectivo Multidimensional (RSM), análisis que se ha escogido, no sólo por la posibilidad que ofrece de combinar varias variables en su evaluación, sino porque además permite dar un mayor peso a la primera variable (uso de la colección) que es la que se ha definido como la más importante.

Por otra parte, dos o más de estas variables consideradas simultáneamente, mediante un procedimiento multivariante, como es el caso del RSM, permite mayor confiabilidad sobre la idoneidad de las revistas para un servicio de información dado. De hecho, después de calculado el RSM, se puede observar y constatar la influencia de los cambios que han introducido estos nuevos valores respecto a los obtenidos en cada uno de los análisis univariados.

Metodología

La colección de las revistas de economía que se encuentra en la biblioteca de la Universidad Carlos III Madrid se ha evaluado mediante distintos métodos.

Por un lado, se utilizaron métodos de análisis estadístico univariable, con objeto de estudiar de forma independiente las distintas variables de interés para los economistas.

Posteriormente se aplicó un método multivariable, el denominado Rango Selectivo Multidimensional, no sólo por las posibilidades que ofrece, sino por los resultados obtenidos en otros campos, ya que permite comparar conjuntamente las variables estudiadas previamente de forma individual. De hecho, este modelo, puede convertirse en una herramienta útil en manos de los evaluadores, no sólo a la hora de trazar una política de adquisición o descarte, sino como método de evaluación aplicable a cualquier tipo de fuente de información: software, bases de datos, recursos en Internet, etc.

El Rango Selectivo Multidimensional, o RSM (como más se conoce), se basa en el método que aplicó originalmente Ivanovich⁵ para determinar el grado de desarrollo económico de las regiones de la anteriormente denominada República Socialista Federativa de Yugoslavia. Ya en 1990, como resultado de un trabajo de tesis doctoral realizado por Morales-Morejón⁶, se comenzó a aplicar con éxito en Cuba, como un nuevo método multivariable que permite evaluar de una forma más objetiva la idoneidad de las publicaciones periódicas

⁵ Ivanovich, investigador y matemático, desarrolló el método denominado la Diferencia de Ivanovich para determinar la distancia entre universos estadísticos multidimensionales.

⁶ MORALES MOREJÓN, M. Aplicación del Análisis Informétrico para la evaluación de los flujos informacionales en el campo de las plagas y enfermedades de los cítricos (Tesis Doctoral). Academia de Ciencias de Bulgaria, Centro de Información Científica, 1990, 193p.

en varias temáticas. Sin embargo, su total utilización se vio limitada por la complejidad y laboriosidad de sus procedimientos y cálculos matemáticos, hasta que en 1992, Morales-García⁷ y García-Díaz, lograron automatizar todos sus cálculos, con la creación del programa EVASOFT, diseñado específicamente para calcular los valores del RSM.

Este software puso en manos de los bibliotecarios y documentalistas, una herramienta fiable, rápida y precisa, que como resultado final ofrece una lista ordenada, en forma ascendente, de las publicaciones seriadas y los valores obtenidos al calcular el RSM. La revista que obtenga un valor del RSM, más próximo a 0, mostrará un mayor grado de idoneidad respecto a otra, lo que nos permite una toma de decisión acertada.

Para llegar a los resultados del Rango Selectivo Multidimensional, es necesario previamente:

- Calcular los coeficientes de correlación lineal entre las variables.
- Definir los valores de la revista patrón (modelo ideal de revista, confeccionado con los valores más altos de acuerdo a las variables seleccionadas).
- Determinar la desviación típica muestral.

Con la elección del método multivariable, denominado Rango Selectivo Multidimensional, los títulos de las revistas más idóneas serán los que más se aproximen a los valores establecidos en la revista patrón, es decir los que se acerquen más a cero en sus resultados.

Las variables a considerar tendrán un peso en la evaluación dependiendo del orden que ha decidido el investigador, y esta selección estará sujeta a la importancia que tengan dichas variables. Por ejemplo, se debe introducir como primera la variable aquella cuya información sea la más veraz y objetiva. En este estudio, se seleccionó, como primera variable el uso de la colección por los usuarios. Los datos obtenidos estuvieron compuestos por el uso de las revistas en la sala de lectura y la cantidad de fotocopias realizadas.

Antes de pasar a un análisis más profundo del método multivariable, es necesario una breve descripción de cada una de las variables que intervienen en el estudio.

Para la realización de este trabajo se seleccionó una muestra de 153 revistas de economía que forman parte de la colección de la Biblioteca de la Universidad Carlos III de Madrid, y se definieron las siguientes variables, que se utilizaron para la selección de la muestra:

1. Capacidad idiomática.
2. País de publicación de las revistas.
3. Uso de la colección de revistas, determinado a partir de:
 - a) *consultas en la sala de lectura*
 - b) *fotocopias*
4. Número de Servicios de Indización y Resumen (SIR) que procesan las revistas.

⁷ Ana María Morales-García, investigadora del IDICT de Cuba, en 1992 publicó la descripción del método del RSM (creado por Ivanovich y aplicado a la evaluación de las publicaciones seriadas por Melvyn Morales-Morejón), y del software, en el artículo "Evasoft 1.0: Sistema automatizado que permite determinar la idoneidad de las publicaciones seriadas sobre la base del Rango Selectivo Multidimensional (RSM)", en la revista Ciencias de la Información, publicada en La Habana, en 1992, vol 23 ,nº 4 , páginas 273-277.

5. Opinión de los expertos. Basado en los criterios utilizados por el Departamento de Economía a la hora de establecer:
 - a) el orden de prioridad en la adquisición de revistas científicas
 - b) las revistas científicas propuestas por el Departamento de Economía donde deben publicar los profesores y que aparecen en el Boletín de Sumarios.
6. Productividad de las revistas.
7. Factor de impacto y visibilidad en la base de datos del SSCI.

Resultados

1. Capacidad idiomática

Los idiomas más utilizados han sido el inglés y el español. A pesar de las limitaciones que impone otra lengua, en el 56% de los casos las revistas de economía están escritas en inglés, en un 33,9% en español y en un 3,9% en francés. El resto, 6,2%, corresponden al búlgaro, finlandés, portugués, polaco y algunas ediciones bilingües (*figura 1*).

2. País de publicación de las revistas.

El país más representativo, en cuanto a lugar de publicación de las revistas de economía de la Universidad Carlos III de Madrid, fue España con un 26,8%, seguido de Estados Unidos (24,8%), Reino Unido (17%), Holanda (7,2%), Francia (5,9%), Argentina (2,6%), y Alemania (2,6%). Por otro lado, Suiza, Naciones Unidas, Cuba, Italia, México, Australia, Bulgaria, Chile, Perú, Canadá, Finlandia, Polonia y Portugal, presentaron un porcentaje por debajo de 2% (*figura 2*).

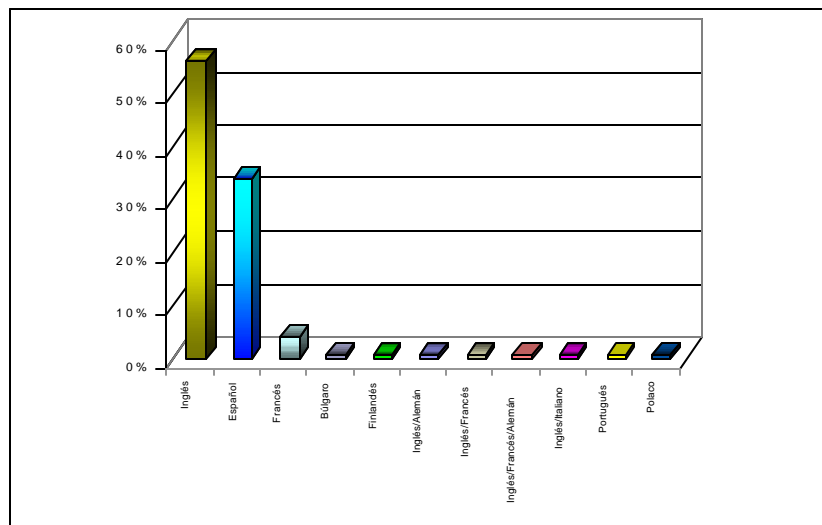


Figura 1: Idioma de publicación de las revistas de economía

De lo anteriormente expresado es importante destacar que, la suma de las revistas publicadas por los tres primeros países: España, Estados Unidos y Reino Unido, representa casi el 70% del total de las revistas almacenadas en los fondos de la biblioteca universitaria.

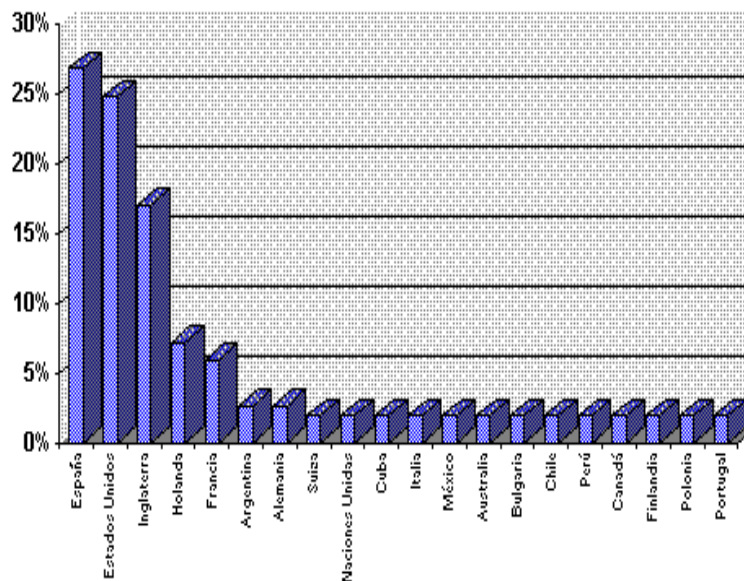


Figura 2: Porcentaje de revistas por país de publicación

3. Uso de la colección de revistas

El uso de la colección, formado por el uso en sala de las revistas y el número de fotocopias, alcanzó la cifra de 3089 usos totales, y un promedio de 20,1 usos por revista.

En la *figura 3* se muestra una relación directa entre el uso total de la colección y el número de préstamos en sala, y una menor relación respecto al número de fotocopias, debido al bajo número de revistas que fueron fotocopiadas.

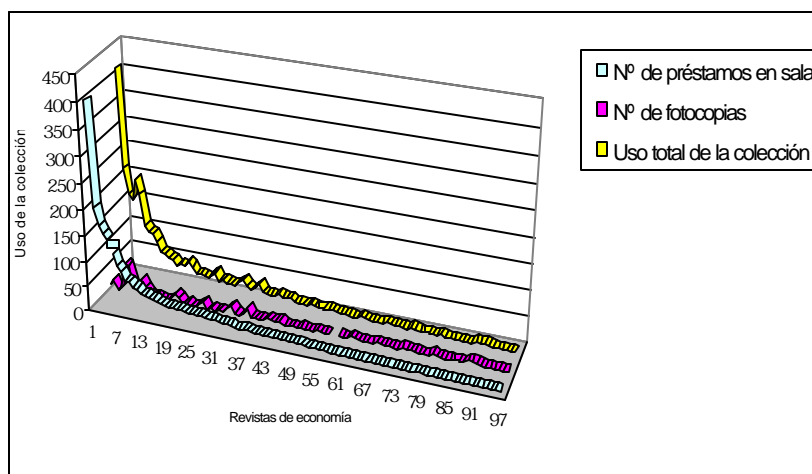


Figura 3: Préstamos, fotocopias y uso total de la colección

El estudio demostró que, de 153 revistas analizadas, el 65,4% eran consultadas, al menos, una vez y que el 36,6% no reportaban ningún uso. El valor más alto en cuanto a uso en sala de lectura, alcanzó la cifra de 396 y el promedio del uso por revistas estuvo por debajo de 30.

En cuanto a número de fotocopias, se puede decir que en este análisis, sólo fueron fotocopias 70 revistas, es decir el 45,75% del total. El valor más alto en cuanto a número de fotocopias realizadas fue de 61 y el promedio de fotocopias por revistas estuvo por debajo de 3.

La *tabla I* muestra los valores alcanzados en cuanto a uso total de la colección, uso en sala de lectura y cantidad de fotocopias. Los 10 valores más altos de cada columna están destacados con un marco y van a estar ubicados en las primeras 22 revistas.

Las revistas que alcanzaron las cifras más altas, en cuanto a cantidad de fotocopias y a consultas en sala de lectura fueron:

1. *Información Comercial Española. Boletín Económico*
2. *Información Comercial Española. Revista de Economía.*
3. *Econometrica*
4. *American Economic Review*
5. *The Economist*
6. *Papeles de Economía Española*
7. *Journal of Economic Literature*
8. *Rand Journal of Economics*
9. *Quarterly Journal of Economics*
10. *Journal of Economic Theory*

Las que alcanzaron tres de los valores más altos en cuanto a fotocopias realizadas, pero que no coincidieron con los valores más significativos alcanzados en las consultadas en sala fueron:

1. *The Review of Economics and Statistics*
2. *Journal of Mathematical Economics*
3. *Journal of Economic Perspectives*

3.1 Análisis del uso de la colección utilizando la Ley de Bradford

En su trabajo clásico de 1934, Bradford⁸ enunció la ley de la dispersión de la literatura científica. Según esta ley la distribución de los trabajos sobre un tema determinado en revistas científicas puede exponerse como sigue:

“Si las revistas científicas se ordenan en secuencia decreciente de productividad de artículos sobre un tema dado, éstas pueden dividirse en un núcleo de revistas dedicadas más en particular al tema y en varios grupos o zonas, que contienen cada una de ellas el mismo número de artículos que el núcleo, en tanto que las cantidades de revistas de éste y de las zonas sucesivas presenta la relación 1: n: n²...” (Bradford, 1934)⁹

⁸ Samuel C. Bradford (1878-1948), químico y bibliotecario del Museo de Londres, propuso su ley en 1934. Bradford postuló que cada literatura tendría un núcleo de revistas, rodeado por zonas de revistas cada vez más amplias, pero menos productivas. Las zonas marginales estarían relacionadas con el núcleo mediante el factor de multiplicación.

⁹ Spinak, Ernesto. *Diccionario enciclopédico de bibliometría, cienciometría e informetría*. [Paris, UNESCO]1996.

Bradford divide la lista de revistas ordenadas por frecuencia descendente en tres grupos (clusters) o zonas, donde cada una produce una cantidad similar de artículos, y relaciona numéricamente cada zona mediante un multiplicador que en ocasiones no es constante.

Tabla I. Uso de la colección

Títulos de las revistas de Economía	Préstamos en la Sala de Lectura	Nº de fotocopias	Uso total de la colección
<i>Información Comercial Española. Boletín Económico</i>	396	11	407
<i>Información Comercial Española. Revista de Economía.</i>	196	20	216
<i>Econometría</i>	137	61	198
<i>American Economic Review</i>	112	57	169
<i>The Economist</i>	163	2	165
<i>Papeles de Economía Española</i>	147	8	155
<i>Journal of Economic Literature</i>	91	17	108
<i>Rand Journal of Economics</i>	80	18	98
<i>Quarterly Journal of Economics</i>	63	31	94
<i>Journal of Economic Theory</i>	62	19	81
<i>Investigaciones Económicas. Revista Economistas</i>	54	8	62
<i>Economistas</i>	52	5	57
<i>The Review of Economics and Statistics</i>	32	19	51
<i>Review of Economic Studies</i>	44	7	51
<i>Revista de Economía y Sociología Del Trabajo</i>	43	5	48
<i>Economic Journal</i>	30	13	43
<i>Revista Española de Economía</i>	35	8	43
<i>Información Comercial Española. Cuadernos Económicos</i>	39	4	43
<i>Economics Letters</i>	25	15	40
<i>Revista de Trabajo y Seguridad Social</i>	40	0	40
<i>Journal of Economic Perspectives</i>	20	18	38
<i>Journal of Mathematical Economics</i>	15	19	34

En este caso, para aplicar la ley o distribución de Bradford, se ordenaron los datos en secuencia decreciente de uso de la colección, en lugar de la cantidad de artículos, y se dividieron en tres partes según dicho uso, para determinar la dispersión encontrada entre los títulos de las revistas. La muestra se dividió en tres partes, donde cada una agruparía aproximadamente 1029 usos.

El análisis de los datos se realizó con las 97 revistas que fueron consultadas al menos 1 vez, y mostró los siguientes resultados:

- La primera zona es la más importante, al concentrarse en ella las revistas que fueron más usadas en este período (990 veces, y un promedio de 247,5 veces). Esta zona se ha definido como el núcleo teórico mínimo de Bradford. Los títulos de estas revistas fueron:

1. *Información Comercial Española. Boletín Económico*
2. *Información Comercial Española. Revista de Economía*
3. *Econometría*
4. *American Economics Review*

- La segunda zona se encuentra formada por 11 revistas que fueron usadas 970 veces, con un promedio de 88,2.
- La tercera y última zona está compuesta por 82 revistas que fueron consultadas 1129 veces. El promedio de uso alcanzado fue de 13,77 veces por revistas.

De lo anteriormente expuesto se puede deducir que, aunque la ley no se cumpla exactamente en cuanto a proyección geométrica, se denota un núcleo bien definido de 4 revistas que alcanzan los niveles de préstamos más altos (de 169 a 407), mientras que los menos significativos, ubicados en los 9 últimos lugares van desde 0 a 8 usos por revistas.

De todo esto se puede inferir que las revistas que se prestan con mayor frecuencia aparecen en un núcleo bastante reducido.

4. Número de Servicios de Indización y Resumen (SIR) que procesan las revistas

Los Servicios de Indización y Resumen (SIR) que procesan las revistas, le confieren a la revista una mayor visibilidad e importancia en la medida que las recogen y las tienen en cuenta un número mayor de bases de datos.

Para conocer la cantidad de Servicios de Indización y Resumen que procesaban cada una de las revistas, se consultó el repertorio *Ulrich's* y se obtuvo como resultado que, las 153 revistas analizadas eran procesadas por 144 bases de datos, pudiéndose comprobar que las revistas eran recogidas por dichas bases de datos de forma desigual, debido a que seguían criterios muy particulares a la hora de considerarlas en sus registros para su análisis y procesamiento.

Las bases de datos que más revistas procesaron fueron:

- EconLit
- Social Sciences Citation Index (SSCI)
- ABI/INFORM

Si dividimos, en tres grupos los resultados obtenidos, en cuanto a SIR tendríamos:

- Revistas de economía no procesadas por ningún SIR
- Revistas que aparecen procesadas de 1 a 19 veces
- Revistas con alto número de servicios que las procesan (más de 20 SIR)

Revistas de economía no procesadas por ningún SIR *Los Servicios de Indización y Resumen que analizan las 153 revistas de economía no procesaron el 28,7 % de la muestra. De las 44 revistas no procesadas, 29 pertenecían a España y las restantes 15 a Cuba, Bulgaria, Argentina, Portugal, Francia, Holanda, Estados Unidos y Reino Unido.*

Revistas que aparecen procesadas de 1 a 19 veces: *Un segundo grupo de revistas, conformado por el 54,2%, es decir más de la mitad de la muestra, fue procesado entre 1 a 19 veces por las bases de datos de economía.*

Revistas con alto número de servicios que las procesan (más de 20 SIR): Por último, un tercer grupo de revistas (17,1 %) fue analizado por más de 20 Servicios de Indización y Resumen (SIR). Estas revistas procedían en su mayoría de Estados Unidos, Reino Unido y

Holanda y, como caso Reino Unido y Holanda y, como caso excepcional, incluían una revista canadiense.

Las revistas más significativas por tener los valores más altos, en cuanto a bases de datos que las procesan, son fundamentalmente de Estados Unidos y fueron las siguientes:

- *Economic Development and Cultural Change (USA)*
- *American Economic Review (USA)*
- *American Journal of Agricultural Economics (USA)*
- *Journal of Political Economy (USA)*
- *The Review of Economics and Statistics (USA)*
- *Journal of Economic Literature (USA)*
- *The Economist (Reino Unido)*
- *Quarterly Journal of Economics (USA)*
- *Rand Journal of Economics (USA)*
- *Economic Journal (Reino Unido)*

5. Opinión de expertos

En un área temática determinada, se pueden evaluar los fondos de una biblioteca a través del examen de la colección por parte de uno o varios especialistas.

La opinión de los expertos en este estudio se ha expresado a través de dos variables:

1. Número de revistas extranjeras donde publican los profesores y que aparecen reflejadas en el Boletín de Sumarios.
2. Número de prioridad que establece el Departamento de Economía para la compra de las revistas.

5.1. Número de revistas extranjeras donde publican los profesores y que aparecen reflejadas en el Boletín de Sumarios

Las revistas extranjeras donde publican los profesores y que aparecen reflejadas en el Boletín de Sumarios, es la primera variable que se tiene en cuenta para evaluar la colección a través de la opinión de los expertos.

El análisis de los datos mostró la presencia de sólo 18 revistas donde publican los profesores de economía y que forman parte del fondo de la biblioteca, lo que representa un 11,7% del total.

La *tabla II* indica el título, el país donde fueron publicadas y la cantidad de Servicios de Indización y Resumen que las procesan, como punto de comparación entre estas dos primeras variables (opinión de expertos y SIR).

Tabla II: Revistas donde publican los profesores y que aparecen en el Boletín de Sumarios

Títulos de las revistas de Economía	País de publicación	SIR
<i>The Economist</i>	Reino Unido	32
<i>Economic Journal</i>	Reino Unido	29
<i>Canadian Journal of Economics</i>	Canadá	23
<i>Journal of Industrial Economics</i>	Reino Unido	22
<i>Oxford Bulletin of Economics & Statistics</i>	Reino Unido	22
<i>European Economic Review</i>	Holanda	21
<i>Applied Economics</i>	Reino Unido	20
<i>Brookings Papers on Economic Activity</i>	USA	19
<i>Journal of Financial Economics</i>	Holanda	19
<i>Journal of Public Economics</i>	Holanda	18
<i>Journal of Monetary Economics</i>	Holanda	17
<i>Review of Income and Wealth</i>	USA	12
<i>International Journal of Industrial Organization</i>	Holanda	9
<i>Boletín de Estudios Económicos; Revista de Investigación Económica</i>	España	5
<i>The Review of Income and Wealth</i>	USA	5
<i>Economics Letters</i>	Suiza	5
<i>Travail et Emploi</i>	Francia	1
<i>Revista de Economía y Sociología del Trabajo</i>	España	0

Si analizamos el país de edición de las revistas donde publican los profesores y que aparecen en el Boletín de Sumarios, podremos observar que, a la hora de publicar un artículo, se han seleccionado las revistas extranjeras que aparecen escritas en inglés (*tabla II*).

Resumiendo los datos aportados, se puede decir que, cinco revistas eran publicadas en Reino Unido, cinco en Holanda, tres en Estados Unidos, una en Francia, una en Suiza y una en España.

Si comparamos los datos de la variable “número de revistas donde publican los profesores y que aparecen en el Boletín de Sumarios” con la variable anterior “número de SIR”, nos dará como resultado una gran disparidad entre ambas variables (*tabla II*). En algunos casos, aparecen en el Boletín de Sumarios revistas que presentan valores relativamente altos al ser procesadas por más de 20 bases de datos, mientras en otras ocasiones, se encuentran presentes en el Boletín de Sumarios revistas que muestran valores muy bajos, en cuanto a SIR que las procesan.

Las revistas que recibieron resultados satisfactorios en cuanto a número de SIR que las procesan y que aparecen en el Boletín de Sumarios fueron:

1. *The Economist*
2. *Economic Journal*
3. *Canadian Journal of Economics/Revue Canadienne d'Economie*
4. *Journal of Industrial Economics*
5. *Oxford Bulletin of Economics and Statistics*
6. *European Economic Review*
7. *Applied Economics*

Contrariamente, aparecen en el Boletín de Sumarios otros títulos que están procesados por pocas o ninguna base de datos y que pese a ello, no dejan de ser revistas importantes. Estos títulos fueron:

1. *Economics Letters*

2. *Travail et Emploi*

3. *Revista de Economía y Sociología del Trabajo*

5.2. Prioridad para la compra

El establecimiento de una lista de revistas de Economía, definida por el Departamento de Economía con un orden de prioridad para la compra, constituye la segunda variable que se ha tomado en consideración como opinión de los expertos.

Esta segunda variable se ha definido teniendo en cuenta la calidad de las revistas, y ésta ha sido determinada por la Dirección del Departamento de Economía. Para ello, los criterios han radicado fundamentalmente, en el caso de revistas extranjeras, en la aparición en el *Social Science Citation Index (SSCI)*, repertorio de gran prestigio que no incluye muchas revistas españolas y tiene más en cuenta las de habla inglesa.

Según el documento del Departamento de Economía¹⁰, el *SSCI* proporciona una excelente guía para evaluar la calidad de las revistas. Para ello consideraron las revistas con un Factor de Impacto mayor de 2 y una Vida Media a partir de 7 años. Pese a todo, reconocen que el *SSCI* tiende a desvalorar revistas que son muy buenas, y que ocupan un nicho muy restringido.

Para mostrar los diferentes grados de calidad de las revistas internacionales y su prioridad para la compra, el Departamento de Economía creó varias categorías, ordenadas de modo tal que las publicaciones más importantes se agruparan en los primeros niveles: revistas básicas y nivel A (*figura 4*):

Revistas básicas: En este nivel se agrupan las revistas más importantes, incluyendo en él las imprescindibles a efecto de la compra.

Nivel A: En él se agrupan las mejores revistas, después de las básicas.

Nivel B: En el que se agrupan las revistas que siguen en orden de importancia al Nivel A.

Nivel C: Agrupa las revistas que le siguen en orden de importancia al Nivel B.

Nivel D: Agrupa las revistas que le siguen en orden de importancia al Nivel C.

Nivel E: En el que se agrupan las revistas menos importantes.

Las revistas españolas han sido catalogadas en otra lista aparte por carecer de impacto mundial y de difusión internacional, proponiéndose la siguiente equivalencia con las revistas internacionales (*figura 4*):

¹⁰ Documento aprobado por el Consejo del Departamento de Economía el día 14 de febrero de 1996: *Relación de revistas del Departamento de Economía de la Empresa*.

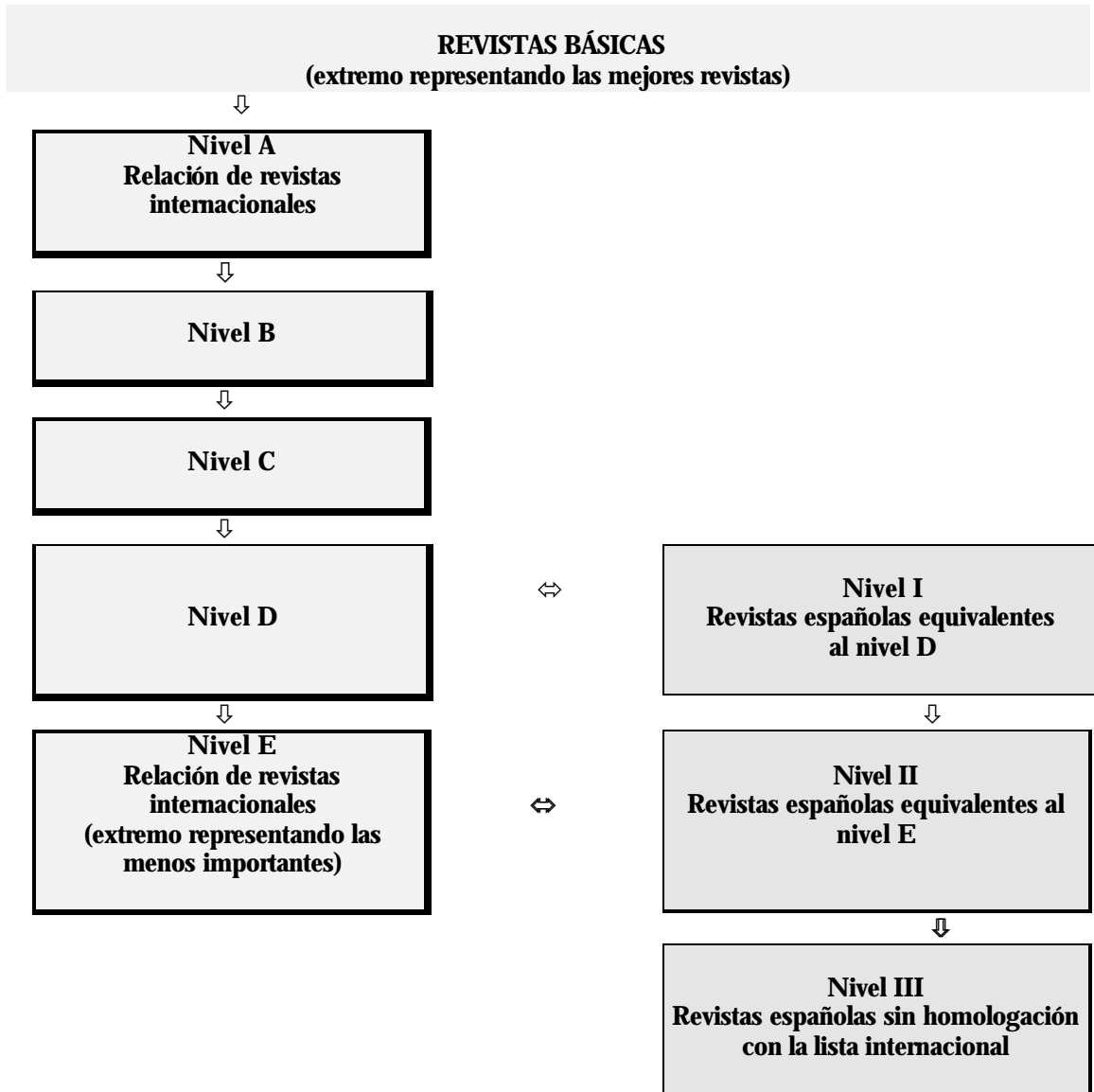


Figura 4: Representación de los niveles de prioridad establecidos por el Departamento de Economía para la compra de revistas internacionales y españolas

Revistas básicas

Nivel I (Homologado con el Nivel D de las revistas internacionales)

Nivel II (Homologado con el Nivel E de las revistas internacionales)

Nivel III (Último nivel, sin homologar)

Para determinar el nivel de prioridad de las revistas incluidas, se consideraron los siguientes factores:

1. Edad de la revista. Las revistas con menos de cuatro años fueron consideradas como poco establecidas.
2. Número de revisiones requeridas antes de publicar y el período de tiempo que pasa desde que se recibe un artículo hasta que se publica.

3. Calidad de los artículos que publica.
4. Calidad del “Editorial Board”.
5. Valoración de resultados de investigaciones básicas o, al contrario, divulgación/reciclaje de artículos sobre estudios que ya han aparecido en otras revistas.

Estos factores fueron analizados teniendo en consideración los criterios propuestos por la mayoría de los miembros del departamento y aprobados finalmente por la dirección.

Los resultados indicaron que, de 153 revistas de economía estudiadas, sólo 22 eran consideradas como prioritarias en la compra, lo que significaba el 14,3% del total.

En este caso las revistas más importantes, consideradas como revistas claves o básicas dentro de la disciplina fueron: *Econometrica*, *Journal of Political Economy*, *American Economic Review*, *Journal of Economic Theory*. Dentro de las clasificadas como Categoría A, estaba el *Journal of Financial Economics* y entre las agrupadas en la Categoría B: *Journal of Financial and Quantitative Analysis*, *Journal of Economic Behavior and Organization*, *International Journal of Industrial Organization*, *Journal of Economics and Business* (tabla III).

Tabla III: Revistas de economía ordenadas por nivel de prioridad según el Departamento.

Título	País	Nivel de prioridad	Boletín de Sumarios	Factor de Impacto
<i>Econometrica</i>	Reino Unido	Básica		3,226
<i>Journal of Political Economy</i>	USA	Básica		1,929
<i>American Economic Review</i>	USA	Básica		1,726
<i>Journal of Economic Theory</i>	USA	Básica		0,847
<i>Journal of Financial Economics</i>	Holanda	A		2,138
<i>Journal of Financial and Quantitative Analysis</i>	USA	B	✓	0,537
<i>Journal of Econ. Behavior and Organization</i>	Holanda	B		0,349
<i>Intern. Journal of Industrial Organization</i>	Holanda	B	✓	0,344
<i>Journal of Economics and Business</i>	USA	B		
<i>Economics Letters</i>	Suiza	C	✓	0,18
<i>Quarterly Review of Economics and Finance</i>	USA	C		0,047
<i>Investigaciones Económicas. Revista</i>	España	I		
<i>Moneda de Crédito; Revista de Economía</i>	España	I		
<i>Revista Española de Economía</i>	España	I		
<i>Información Com. Española. Boletín Econ.</i>	España	II		
<i>Inform. Com. Española. Cuadernos Econ.</i>	España	II		
<i>Papeles de Economía Española</i>	España	II		
<i>Revista de Economía Aplicada</i>	España	II		
<i>Bol. de Estudios Económicos. Rev. de Investigación Económica Economía.</i>	España	III	✓	
<i>Bol. del Colegio Nacional de Doctores de Lic. en Ciencias Econ. y Comerciales (Madrid)</i>	España	III		
<i>Bol. del Ilustre Colegio Nacional de Econ. Economistas</i>	España	III		

De las cuatro primeras revistas que componen la categoría Básica, tres habían sido publicadas en Estados Unidos y sólo una en el Reino Unido. En lo que respecta a la siguiente categoría, denominada A, incluyó una sola revista de Holanda. Las categorías B y C presentaron una situación similar; tres revistas pertenecían a Estados Unidos, una a Suiza y dos a Holanda, quedando once revistas españolas ubicadas en las prioridades menos importantes, I, II y III.

6. Productividad de las revistas

Para poder determinar la productividad de las revistas de economía, se procedió a localizar en el *Ulrich's* las bases de datos que las procesaban, observándose que el 60% estaban recogidas por las siguientes bases de datos:

- *ECONLIT*
- *Social Sciences Citation Index (SSCI)*
- *ABI/INFORM*
- *ISOC*

Al comprobar que había una diferencia de hasta el 65% en el número de artículos recopilados por cada una de estas bases, se tuvieron en cuenta los siguientes criterios para analizar la productividad: en primer lugar se consideraron los datos comprobados manualmente; en segundo lugar, los aportados por el *SSCI*; en tercer lugar, los de la base de datos de *ABI/INFORM* y por último los de *EconLit*. Para las revistas españolas, siempre se tomó como criterio la base de datos del *ISOC*.

La productividad de las revistas se encuentra determinada por la cantidad de trabajos científicos publicados, en todos los formatos posibles, durante un período de tiempo editorial determinado.

El presente estudio muestra un promedio de 36 artículos por revista y una productividad máxima de 295 artículos, pero se pudo comprobar que, en algunos casos, esta productividad tan alta era producto de la inclusión de otro tipo de material: revisiones, traducciones, resúmenes, etc., y de un mal procesamiento por parte de las diferentes bases de datos.

De acuerdo con la formulación verbal de la *Ley de Bradford*, la primera zona, llamada también zona núcleo, queda constituida por las revistas más productivas, cuyo número es relativamente pequeño en relación con el conjunto total del título de revistas que conforman el flujo de información. En la segunda zona su número aumenta considerablemente en relación con el número de revistas del núcleo. Y por último la tercera zona es la que contiene un mayor número de títulos de revistas, y por tanto, en la que existe una mayor dispersión.

En otras palabras, la productividad de artículos por revistas, se puede agrupar en tres zonas concéntricas, una primera zona o núcleo compuesta de sólo 9 revistas, una segunda zona con 37, y una tercera zona con un número muy amplio de 107 revistas con baja productividad.

La *tabla IV* muestra en orden decreciente las revistas más productivas o núcleo según *Bradford* y el país de publicación.

Según se indica en la *tabla IV*, los países más representativos en cuanto a productividad fueron España, Estados Unidos y Reino Unido.

Tabla IV: Revistas más productivas

Título	País	Productividad	Acumulado del N° artículos	Zona
<i>Información Comercial Española. Boletín Económico</i>	España	295	295	
<i>Journal of Economic Literature</i>	USA	246	541	
<i>Economic Journal</i>	Reino Unido	231	772	N
<i>Economics Letters</i>	Suiza	204	976	Ú
<i>Development And Change</i>	Reino Unido	191	1167	C
<i>American Economic Review</i>	USA	174	1341	L
<i>American Journal of Agricultural Economics</i>	USA	151	1492	E
<i>Economistas</i>	España	147	1639	O
<i>Applied Economics</i>	Reino Unido	144	1783	

7. Factor de impacto (FI)

El Factor de Impacto es una medida que proporciona el *Journal Citation Reports*, obtenida al relacionar el número de citas que recibe una revista con el número de artículos que se publican en ella, adoptando un período de dos años como base para su cálculo.

En este estudio se demostró que sólo 65, de 153 revistas de economía analizadas, aparecían reflejadas en el *SSCI*, es decir el 42,4% del total de revistas. Si con la nacionalidad de dichas revistas realizamos una lista en orden decreciente obtendremos la *tabla V*, en la que se puede observar que los países con mayor representación, por encima de 2 revistas, en *SSCI* fueron: Estados Unidos (25 revistas), Reino Unido (18 revistas), Holanda (11 revistas) y España (2 revistas).

Tabla V: Número de revistas por países recogidas por el SSCI

Países	N° de revistas por países
USA	25
Reino Unido	18
Holanda	11
España	2
Alemania	2
Argentina	2
Suiza	2
Canadá	1
Francia	1
Australia	1
Total	65

En la *tabla VI* se pueden observar las 10 revistas con mayor Factor de Impacto. Por otro lado, los 5 valores más altos alcanzados en cuanto a Factor de Impacto, pertenecen a revistas del Reino Unido (10,302 y 3,226) que ocupan el primero y tercer puesto, Estados Unidos (4,795 y 2,902) en el segundo y cuarto puesto, y en quinto lugar Holanda (2,138). Es importante también destacar que sólo 15 revistas alcanzaron un FI por encima de 1,0 de lo que se puede destacar un bajo factor de impacto para todas las revistas de economía estudiadas.

Tabla VI: Factor de Impacto

Título	País	Factor de impacto
<i>The Economist</i>	Reino Unido	10,302
<i>Journal of Economic Literature</i>	USA	4,795
<i>Econometrica</i>	Reino Unido	3,226
<i>Journal of Economic Perspectives</i>	USA	2,902
<i>Journal of Financial Economics</i>	Holanda	2,138
<i>Quarterly Journal of Economics</i>	USA	2,132
<i>Brookings Papers on Economic Activity</i>	USA	1,976
<i>Journal of Political Economy</i>	USA	1,929
<i>American Economic Review</i>	USA	1,726
<i>Review of Economic Studies</i>	Reino Unido	1,635

8. Descripción del método del Rango Selectivo Multidimensional

Como se planteó al principio del trabajo, con objeto de seleccionar las revistas más idóneas de la colección de revistas de economía, la evaluación también se realizó mediante el método matemático denominado Rango Selectivo Multidimensional (RSM), al suponer que la selección que se obtendría sería más promisoría, que utilizando cualquier otro criterio univariable. Este supuesto se basa en que al tratarse de un método multivariante, se pueden combinar todos los datos ofrecidos por las diferentes variables incluidas en el estudio.

Este método pone a disposición de bibliotecarios y documentalistas un sistema que, define y determina la idoneidad de las publicaciones seriadas en una temática dada, además de ofrecerles mayor número de elementos objetivos para ello. Pero además, a partir de los resultados obtenidos, permite que las unidades de información tracen una política de adquisición o descarte de este tipo de fuente de información.

8.1 Requerimientos y metodología para trabajar con el RSM¹¹

- a) Definición de las variables previamente establecidas por el investigador para la evaluación
- b) Establecimiento del orden de incorporación de las variables (en este paso, el investigador debe tener en cuenta que la primera variable que introduce representa el indicador de mayor peso en la evaluación)
- c) Cálculo del coeficiente de correlación: En este punto, es necesario destacar, la importancia que tiene una correcta selección de la variable que se va a definir como la más importante, pues de ello dependen los resultados totales obtenidos, ya que el mayor peso se le otorga a ella.

A partir de ese momento el investigador no controla el orden del resto de las variables. Este orden se determina a partir del cálculo del coeficiente de correlación de cada una de ellas, con respecto a la variable principal, es decir se coloca en segundo lugar la variable que posea el valor más alto de coeficiente de correlación, y así sucesivamente para cuantas variables se consideren.

¹¹ Para la realización de todos estos cálculos se utilizó el software EVASOF, diseñado y creado por Ana María Morales-García y Alberto Díaz-García.

Las variables definidas fueron ordenadas del siguiente modo:

1. Uso de la colección
 2. Prioridades que establece el departamento para realizar la adquisición
 3. Aparición en el Boletín de Sumarios
 4. Factor de Impacto
 5. Número de Servicios de Indización y Resumen que procesan las revistas
 6. Productividad de las revistas
- d) Determinación de la Publicación Patrón (P^+)

Esta entidad se formará con los valores más favorables de cada una de las variables:

$$P^+ = \max X_1, \max X_2, \dots, \max X_n$$

- e) Cálculo de la desviación típica muestral de cada variable.
- f) Cálculo del RSM.

$$RSM(P_i, P^*) = \sum_{j=1}^n \frac{|X_{ij} - X_j^*|}{s_{j-1}} \cdot a_{jk}$$

Donde:

P^* : revista patrón;

X_j^* : valor correspondiente de la variable j en la revista patrón;

X_{ij} : valor de la variable j en la revista i.

s_{j-1} : desviación típica muestral de la variable j.

a_{jk} : constante de la productoria

Es importante destacar que los valores del Rango Selectivo Multidimensional serán más satisfactorios en la medida que sus resultados se aproximen más a cero.

8.2 Resultados del RSM

Los países que se clasificaron dentro de los primeros lugares según valores del Rango Selectivo Multidimensional, y por tanto los más representativos fueron: España, Estados Unidos, Reino Unido, Suiza y Holanda, y las cinco primeras revistas fueron:

1. *Información Comercial Española. Boletín Económico*
2. *American Economic Review*
3. *The Economist*
4. *Econometrica*
5. *Journal of Economic Literature*

De estos resultados se deduce que el estudio multivariante provocó un desplazamiento en cuanto a posiciones, respecto a los datos aportados por cada análisis univariable realizado en la evaluación, y que ya se han comentado, y que junto a los del multivariable, se recogen en la *tabla VII*.

Tabla VII: Posición que ocupan las revistas de acuerdo a los 10 valores más altos obtenidos en cada una de las variables estudiadas y en el análisis del Rango Selectivo Multidimensional

Título	Lugar de publicación	RSM	Uso de la colección	Nº SIR	Opinión de expertos		Produc-tividad	Factor Impacto
					Prioridad *	Boletín de sumarios**		
<i>Información Comercial Española. Boletín Económico</i>	España	1	1				1	
<i>American Economic Review</i>	USA	2	4	2	1		6	9
<i>The Economist</i>	Reino Unido	3	5	7		1		1
<i>Econometría</i>	Reino Unido	4	3		1			3
<i>Journal of Economic Literature</i>	USA	5	7	6			2	2
<i>Economic Journal</i>	Reino Unido	6		10		1	3	
<i>Economics Letters</i>	Suiza	7			4	1	4	
<i>Información Comercial Española. Rev de Economía</i>	España	8	2				10	
<i>Journal of Financial Economics</i>	Holanda	9			2	1		5
<i>Journal of Economic Theory</i>	USA	10	10		1			
<i>European Economic Review</i>	Holanda	11				1		
<i>Papeles de Economía Española</i>	España	12	6					
<i>Applied Economics</i>	Reino Unido	13				1	9	
<i>Quarterly Journal of Economics</i>	USA	14	9	8				6
<i>Journal of Political Economy</i>	USA	15		4	1			8
<i>Rand Journal of Economics</i>	USA	16	8	9				
<i>Oxford Bulletin of Economics and Statistics</i>	USA	17				1		
<i>Economic Development and Cultural Change</i>	USA	18		1				
<i>Journal of Monetary Economics</i>	Holanda	19				1		
<i>Development and Change</i>	Reino Unido	20					5	
<i>The Review of Economics and Statistics</i>	USA	21		5				
<i>American Journal of Agricultural Economics</i>	USA	23		3			7	
<i>Boletín de Estudios Económicos</i>	España	24				1		
<i>Journal of Public Economic</i>	Holanda	25				1		
<i>Review of Income and Wealth</i>	USA	26				1		
<i>Revista de Economía y Sociología del Trabajo</i>	España	27				1		
<i>Economistas</i>	España	28					8	
<i>Review of Economic Studies</i>	Reino Unido	30						10
<i>Journal of Economic Behavior and Organization</i>	Holanda	32			3			
<i>Journal of Economics and Business</i>	USA	34			3			
<i>Journal of Economic Perspectives</i>	USA	36						4
<i>International Journal of Industrial Organization</i>	Holanda	38			3			
<i>Journal of Financial and Quantitative Analysis</i>	USA	54						
<i>Brookings Papers on Economic Activity</i>	USA	62						7

* El nivel de prioridad se estableció con la siguiente clasificación: 1-*revistas básicas*, 2-*revistas comprendidas en el nivel A*, 3-*revistas comprendidas en el nivel B* y 4-*revistas comprendidas en el nivel B*

** El número 1 corresponde al máximo valor que en este caso fue alcanzado por todas las revistas que aparecían incluidas en el Boletín de Sumario.

La revista más significativa fue "*Información Comercial Española. Boletín Económico*", publicación española que también alcanzó el primer lugar en cuanto a productividad de las revistas y uso de la colección (variable considerada como la más importante y cuyo peso en la evaluación fue significativo).

En segundo lugar aparece "*American Economic Review*", revista de Estados Unidos que ubicó casi todos sus resultados dentro de los 10 primeros lugares de cada una de las variables estudiadas. Esta revista obtuvo el primer lugar en cuanto a orden de prioridad establecido por el Departamento de Economía para la compra, un segundo lugar en cantidad de SIR que procesan las revistas, un cuarto lugar en uso de la colección, un sexto lugar en productividad y un noveno lugar en Factor de Impacto. Esta segunda publicación no se pudo clasificar en primer lugar, según valores del RSM, por tener un uso mucho menor que el de la primera revista.

La tercera, "*The Economics*", pertenece al Reino Unido. Esta revista obtuvo el primer lugar en cuanto al valor obtenido del Factor de Impacto, un quinto lugar en uso de la colección, un séptimo en cuanto a número de Servicios de Indización y Resumen que procesan las revistas, y aparece en el Boletín de Sumarios como revista recomendada para que publiquen los profesores del Departamento de Economía.

El cuarto lugar correspondió a "*Econometrica*", también del Reino Unido, y que ocupa el primer lugar en la lista que establece el departamento con las prioridades a tener en cuenta a la hora de la adquisición. Por otra parte ocupa un tercer lugar en uso de la colección y Factor de Impacto.

La quinta posición fue ocupada por otra revista de Estados Unidos, "*Journal of Economic Literature*", que a su vez obtuvo el segundo lugar en cuanto a valor obtenido del Factor de Impacto y productividad de las revistas, un sexto lugar en cantidad de SIR que procesan las revistas, y un séptimo en uso de la colección.

Conclusiones

El análisis univariante llevado a cabo para evaluar las revistas de economía de la Biblioteca de la Universidad Carlos III de Madrid aportó resultados diferentes, lo que dificultaba una selección objetiva de las revistas más importantes. Por esta razón, se decidió aplicar un análisis multivariable de evaluación, y para ello se escogió el método denominado Rango Selectivo Multidimensional (RSM).

A partir de los resultados obtenidos, se puede concluir que mediante la aplicación de este tipo de análisis, además de que se puede determinar claramente la idoneidad de las publicaciones en una temática dada, se dispone de un mayor número de elementos objetivos para realizar la evaluación, pues permite combinar todos los datos aportados por las diferentes variables estudiadas de manera individualizada (uso de la colección, cantidad de SIR que procesan las revistas, Factor de Impacto, productividad de las revistas, opinión de expertos), mediante su integración y ponderación.

Bibliografía

1. MOSHER, PAUL H. (1984). Quality and library collections: new directions in research and practice in collection evaluation. *Advances in Librarianship*, New York, 13 (1): 211-238.
2. LANCASTER, F.W. (1988). *If you want to evaluate your library*. London: The Library Association.
3. MORALES GARCÍA, A.M. (1992). EVASOFT 1.0: Sistema automatizado que permite determinar la idoneidad de las publicaciones seriadas sobre la base del Rango Selectivo Multidimensional (RSM). *Ciencias de la Información*. La Habana, 23 (4): 273-277.
4. MORALES MOREJÓN, M. (1990). *Aplicación del Análisis Informétrico para la evaluación de los flujos informacionales en el campo de las plagas y enfermedades de los cítricos*. Tesis Doctoral. Academia de Ciencias de Bulgaria, Centro de Información Científica, 193p.

RESEÑAS DE LIBROS

Hábitos de lectura

Salazar, Silvana & Ponce, Dante.

Lima: Instituto del Libro y la lectura, 1999. 142 p.

La observación de la reacción de dos niños entre 9 y 11 años, por la puesta en práctica de la “Hora del cuento” en la Biblioteca Municipal del distrito de Jesús de Cajamarca, generó el interés por investigar lo que les sucede a los niños en la escuela con respecto a la lectura. Esta investigación pretende ubicar el hábito de lectura como un trabajo de campo cualitativo y analizar las condiciones sociales necesarias para desarrollarlos como hábito. La lectura es definida como la construcción del sentido de los mensajes plasmados en distintos objetos, ya sean estos libros o cualquier otro soporte de la información, pero enmarcados dentro de un contexto de encuentro personal e íntimo con el cuerpo textual. Por eso es que los autores fijaron como eje central de la investigación la caracterización de “*la lectura de los niños que cursan el sexto grado de educación primaria*” (p. 18) pero partiendo de 7 variables caracterizadoras de este comportamiento: libros y recreación, motivación y elección del material de lectura, inicio de la actividad lectora, características de la actividad lectora, familia y lectura, ocupación de los padres y obligaciones de los niños en casa, y disponibilidad de libros y bibliotecas. Los datos fueron recolectados a través de 610 encuestas de 36 preguntas aplicadas en 4 colegios del distrito de Cajamarca mediante el muestreo estratificado por conglomerados que tomó 20 días para completarlos. Para comunicarnos los resultados de esta investigación los autores dividieron el libro en 3 grandes capítulos: La lectura, el hábito de lectura y Cajamarca, una mirada a la lectura escolar.

En el primer capítulo examinan con interés *los aspectos teóricos de la lectura*, pues el “*conocimiento sobre la actividad lectora implica discernir sobre su naturaleza y proceso, los factores que la determinan y el marco social en que se produce su aprendizaje y práctica*” (p. 27). Para eso repasan minuciosamente la construcción del sentido de un mensaje, el proceso que se atraviesa para llegar hasta el acto de leer, así como los factores presentes en la lectura, como el lenguaje verbal y escrito, el campo visual, el valor afectivo de la lectura, el aprendizaje de la lectura, la función social de la escuela y el medio familiar. Lamentablemente no prestaron atención a los aspectos económico-sociales donde están insertos los agentes que hacen posible la lectura y los lectores. Las clases sociales, la posición de clase, y las perspectivas de clase, con la consecuente acumulación de capitales sociales, culturales y económicos, así como el mercado de bienes simbólicos, donde estos capitales son intercambiados, están ausentes del análisis teórico.

En el segundo capítulo sobre *el hábito de la lectura*, afirman que “*es necesario saber como se forma, cuales son los índices e indicadores de su existencia y que es lo que caracteriza a un lector habituado*” (p. 27). El hábito es definido como una acción central no automática “*precisamente porque hay*

que construir el sentido del mensaje y ello, solo es posible, mediante una actitud de compromiso consciente con el texto” (p. 60). Repasan así los aspectos teóricos relacionados a la formación del hábito de lectura, las fases informativa, preparatoria, de articulación y dominio como fases de entrenamiento para la adquisición del hábito de lectura, y finalmente, nos ofrecen las características de lo que sería un lector habituado.

El último capítulo, *una mirada a la lectura escolar*, sería la objetivación de la relación dialéctica de la lectura y la construcción del hábito de lectura en una situación social concreta: la escuela en Cajamarca. De modo que cada una de las variables son analizadas separadamente y después cruzadas para buscar significaciones e interpretaciones. De modo que somos forzados a enfrentarnos a una realidad escondida e ni tan evidentes como son las pobrezas de las colecciones de libros existentes en los hogares y el escaso uso que los niños hacen de las bibliotecas. Nos enteramos de que los niños han asimilado el prestigio social de la lectura, saben de su valor social, pero también conocen el desinterés real de la escuela por la lectura, perciben que es esa institución la que los priva de espacios adecuados a la expresión y construcción de sus propias identidades, y que hasta sus propios maestros no leen o carecen de libros para preparar sus clases. Los cuentos a los que fueron expuestos proceden principalmente de la cultura occidental, por esa y otras razones expuestas en el texto, las lecturas de los niños se convierten en lecturas funcionales con miras a obtener una nota aprobatoria en la escuela. Los autores encontraron también que los niños no disponen del ambiente ni de los medios adecuados para efectuar la lectura, y que la escuela, si bien es cierto que enseña a leer, no contribuye a la formación del hábito de lectura. Precisamente por esa razón, como bibliotecarios por ahora solo podemos “soñar” en desarrollar un lector habituado.

Un libro de lectura amena, muy didáctico, que será de mucha utilidad para profesores de los distintos niveles educativos, pedagogos envueltos con el misterio de la lectura y los lectores, profesores de educación, antropólogos interesados en comprender los secretos del trabajo de campo, sociólogos, padres de familia interesados en incentivar en sus hijos el interés por los libros y la lectura, pero sobretodo, para los bibliotecarios, a los que seguramente obligará a repensar no solo en la necesidad de incorporar al objeto de estudio de la bibliotecología el problema de la lectura y sus implicaciones sociales y culturales, sino también en las alianzas estratégicas necesarias para la construcción de su identidad y su razón de ser como disciplina científica.

Rubén Urbizagástegui Alvarado
Bibliotecario asociado
Universidad de California, Riverside
Riverside, CA 92517-5900, USA
e-mail: ruben@ucrac1.ucr.edu

CONGRESOS

Continuity, Culture, competition. The future of Library and Information Studies Education: 4th British-Nordic Conference

Dublín (Irlanda) del 21 al 24 de marzo de 2001

Más información:

Barbara Traxler Brown, Acting Head
Department of Library and Information
Studies.

Niversity College Dublin
Dublin 4, Republic of Ireland
C. e.: uknordic@uce.ie

EUNIS 2001: The changing Universities -The Role of Technology

Berlín (Alemania) del 28 al 30 de marzo de 2001

Más información:

Susanne Dobratz
Rechenzentrum/Computing Centre
Humboldt University of Berlin
Berlin 10099 (Alemania)
Tel.: 49 30 2093
Fax.: 49 30 2959
C. e.: susanne.dobratz@rz.hu-berlin.de

First International Conference on Human Aspects of the Information Society

New Castle upon Tyne (Gran Bretaña) del 9 al 11 de abril de 2001

Más información:

Maureen Dickson
Informaton Research Institute, School of
Information Studies
Room 004, Lipman Building
University of Northumbria at New Castle
New Castle upon Tyne NE1 8st (Gran Bretaña)
Tel.: 44 91 227 3233
Fax.: 44 91 227 3671
C. e.: maureen.dickson@northumbria.ac.uk

Congreso Internacional de Información: Información, conocimiento y sociedad. Retos para una nueva era.

La Habana (Cuba) del 22 al 26 de abril de 2002.

Más información:

Instituto de Información Científica y
Tecnológica. La Habana (Cuba).

Tel: +53-7-63.55.00. Fax: +53-7-33.82.37.

URL:

<http://www.idict.cu/info2002/info2002.htm>

<http://www.ceniai.inf.cu/eventos>

C.e.: info@ceniai.inf.cu

C.e.: info@idict.cu.

V Congreso ISKO - España

Alcalá de Henares (Madrid) del 25 al 27 de abril de 2001

Más información:

Ana Extremeño, Universidad de Alcalá,
Facultad de Documentación.

San Cirilo s/n Alcalá de Henares (Madrid).

C. e.: ana.extre@uah.es

CRICSV. V Congreso Regional de Información en Ciencias de la Salud

La Habana (Cuba) del 25 al 27 de abril de 2001

Más información:

URL: <http://www.sld.cu/crics5>

C. e.: crics5@infomed.sld.cu

URL: <http://www.bireme.br/crics5>

C. e.: crics5@bireme.br

XXXI Conferencia Anual de ACURIL

La Habana (Cuba), del 27 de mayo al 2 de junio de 2001

Más información:

Secretariado General de ACURIL

Oneida R. Ortiz

P.O. Box 23317, Estacion UPR

San Juan, Puerto Rico 00931-1906

Tel.: (787)790-8054

C. e: acuril@rrpac.upr.clu.edu

Conferencia Anual de ALA 2001

San Francisco (Estados Unidos) del 14 al 20 de junio de 2001

Más información:
ALA, Chicago, Estados Unidos
Tel: 1-312 280 3201 Fax: 1-312 280 3256
URL: <http://www.ala.org>
C.e: ala@ala.org

67 th IFLA General Conference.

Boston (Estados Unidos) del 16 al 25 de agosto de 2001.

Más información:
International Federation of Library Association
and Institutions. La Haya, Países Bajos.
Tel: 31-70-314-0884. Fax: 31-70-383-4827
URL: <http://www.ifla2001.org>
<http://www.nlc-bnc.ca/ifla/home.html>
C.e.: ifla@ifla.org

IX JORNADAS DE INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN EN CIENCIAS DE LA SALUD

Cáceres (España) del 24 al 26 de septiembre de 2001.

Más información:
<http://www.unex.es/biblio/>

CURSOS

Formación de usuarios de servicios de información científica y técnica

Madrid (España), Segunda quincena de abril de 2001

Más información:
CINDOC
C/ Joaquín Costa, nº 22.
28002 Madrid (España)
Tel.: 34 915 635 482 Fax: 34 915 642 644
<http://www.cindoc.csic.es>

NORMAS PARA LA PRESENTACIÓN DE TRABAJOS ORIGINALES

1. La extensión máxima debería ser de diez páginas, pudiendo contener tablas y gráficos. Aquellos manuscritos de mayor extensión, se publicarán en números consecutivos. Esta revista admite, además de artículos, cartas, sugerencias, revisiones bibliográficas, notas breves, noticias, etc.
2. En la primera página debe aparecer el título, autor o autores, y dirección del autor/es. Antes del texto, deberá aparecer un resumen descriptivo así como un máximo de cinco palabras clave.
3. Los trabajos deberán enviarse preferentemente en Word 7,0 o versiones anteriores, con un tamaño de letra no superior a 12 puntos.
4. Bibliografía normalizada al final del trabajo, según los siguientes ejemplos:
Monografía:
SANZ CASADO, E. *Manual de estudios de usuarios*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.
Artículo de revista:
MARTÍN MORENO, C.; SANZ CASADO, E. Producción científica española en el área de genética. *Revista Española de Documentación Científica*, 1996, vol. 19, nº 4, p 377-391.
5. FORINF@ no suscribe las opiniones expresadas en los trabajos publicados.
6. Para la presentación de originales dirijanse a la Prof. Dra. Carmen Martín Moreno (cmartin@bib.uc3m.es)